



A praça do mercado com o velho edifício da prefeitura

LEIPZIG: uma cidade para sobreviver

Sofisticados, admiradores da cultura e curiosamente antidogmáticos, os habitantes desta cidade da Alemanha Oriental vivem em dois mundos

UWE SIEMON-NETTO

ENTRE o Elba e o Oder, outra cidade não há que se possa comparar a este animado centro cosmopolita das artes, da atividade editorial, da educação superior, da indústria e do comércio internacional. Quase todos os grandes poetas, filósofos e músicos alemães destes últimos cinco

séculos aqui viveram por algum tempo – de Lutero a Goethe, de Bach a Schumann. Apesar de ter tido grande parte de seus valores culturais destruídos, primeiro pelos nazistas, depois pelos comunistas, Leipzig conservou sua efervescente atmosfera, que é inigualável.

Isso se torna evidente no momento em que o trem chega à monumental construção de arenito que constitui o maior terminal ferroviário da Europa. Na época das feiras* industriais e comerciais de primavera e de outono, quando 330 trens chegam e partem diariamente através de 26 plataformas, centenas de milhares de viajantes são despejados na *Platz der Republik*, bem no meio de um grande engarrafamento de trânsito que lembra o centro de qualquer grande cidade do mundo ocidental. Na verdade, os carros são diferentes: os Volgas soviéticos, de teto alto, os barulhentos Wartburgs e Trabants, também soviéticos, os Skodas tchecoslovacos e os Fiats feitos na Polônia. Entre os últimos modelos, podem ser vistas algumas preciosidades que há muito desapareceram das ruas da Alemanha Ocidental: triciclos de

entregas Tempo, com seus tubos de descarga a emitir um rosnado intermitente de contralto.

Estou hospedado no Hotel Internacional, um edifício enegrecido, que data ainda do tempo do Império. Os tapetes do saguão estão gastos pelo uso, e os dois velhos elevadores movem-se a passo de lesma. Os únicos sinais da antiga grandeza são os banheiros com seus lavatórios decorativos, banheiras fundas e bidês de porcelana pintada.

Apesar de o Internacional estar superado, suas imediações são modernas. A ponte para pedestres, em frente, leva diretamente ao centro da cidade, onde os governantes da Alemanha Oriental construíram um interessante edifício com uma fachada nua de metal leve. Os habitantes de Leipzig chamam-no de «caixa de pão». É a loja de departamentos *Konsument*. Ali, ficava antigamente a casa onde nasceu o compositor Richard Wagner.

Ao lado da loja, fica a área do Brühl, agora vazia, mas que já foi o centro internacional do comércio de peles. Antes da Segunda Guerra Mundial, o comércio de peles estava em grande parte nas mãos dos judeus, e Leipzig tinha uma das maiores comunidades hebraicas da Alemanha, mas cerca de 14 mil dos 18 mil judeus de Leipzig morreram nos campos de concentração nazistas e a comunidade conta hoje com 70 membros, em sua maioria velhos e mulheres.

* Embora as feiras, uma tradição que remonta a 1165, estejam agora bastante empanadas pela propaganda política, cerca de nove mil expositores do mundo inteiro exibiram, em 1976, os seus produtos, que variaram desde máquinas-ferramentas até brinquedos e desde tratores a amostras de minério de ferro. Os visitantes fecharam negócios que contribuíram significativamente para o volume de comércio da R. D. A.



Entrada do Café Baum

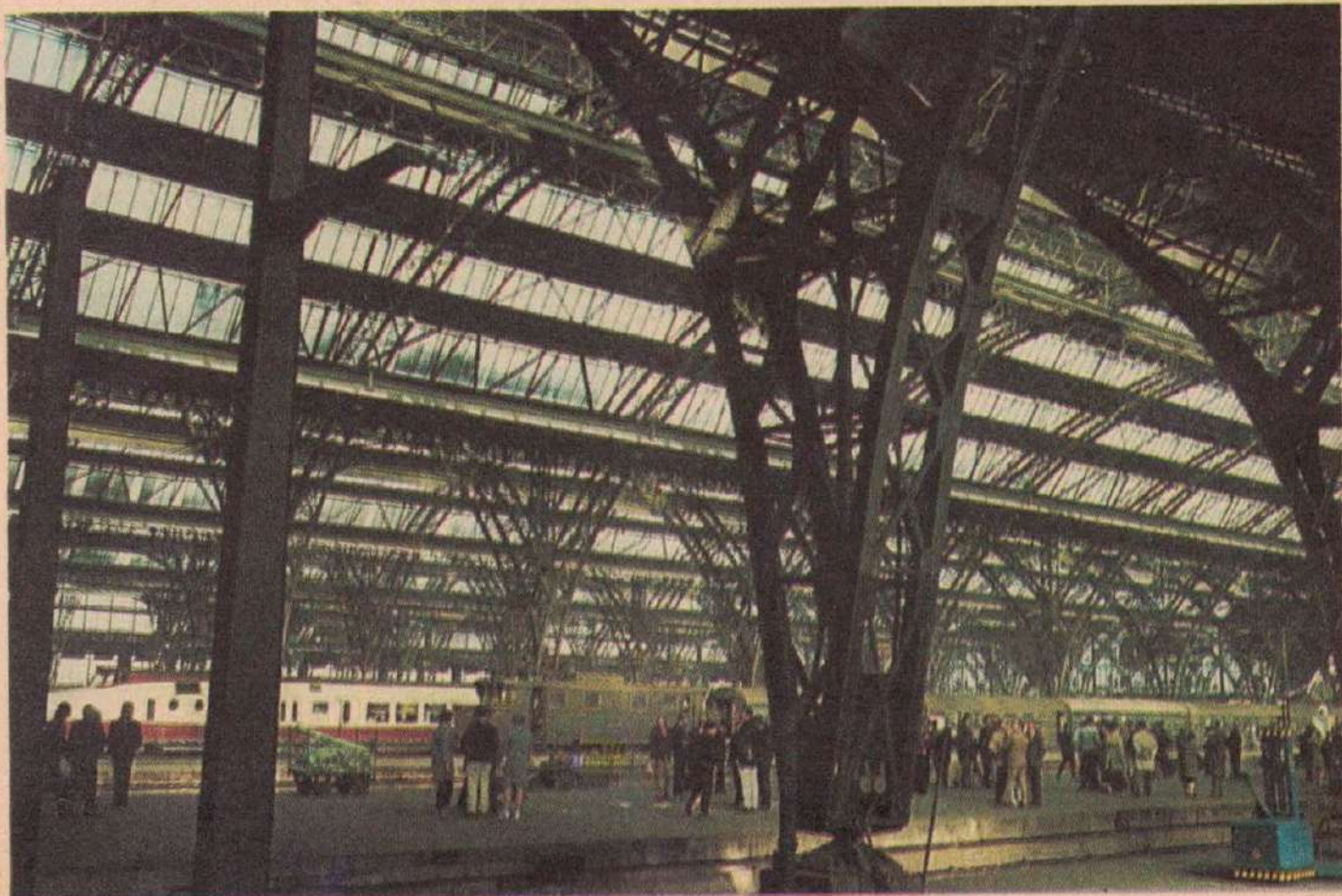
Edifício para exposições, no centro da cidade

J. MESSERSCHMIDT/BAVARIA



A estação central

MANFRED VOLLMER, ESSEN



O povo de Leipzig nunca esqueceu a tragédia dos judeus. Frequentemente, vêem-se flores e coroas no monumento erigido às vítimas do nacional-socialismo.

Minha caminhada pelo bairro do Brühl leva-me a uma jóia da arquitetura barroca: a *Romanus-haus*, cuidadosamente restaurada. Pintada de amarelo vivo, a construção, que tem uma loja de arte e abriga os escritórios da mundialmente famosa orquestra Gewandhaus, deve sua edificação a um prefeito corrupto do princípio do século XVIII que desviou 150 mil *thalers* e contratou o famoso arquiteto Johann Gregor Fuchs para construir uma grandiosa prefeitura. O Prefeito Franz Conrad Romanus foi banido, mas a obra que ele construiu tornou-se um dos monumentos históricos e culturais de Leipzig.

No segundo andar da *Romanus-haus*, estabeleceu-se, em 1778, o Café Richter, que se tornou o ponto de encontro de todas as pessoas importantes da Alemanha. Um de seus clientes habituais foi Goethe, o poeta e prosador cuja namorada (a Annette de *Poesia e Verdade*) morava na estalagem vizinha.

Da *Romanushaus* subi a Katharinenstrasse, até uma praça medieval onde há feiras livres. Lá, numa área reservada a pedestres, fui encontrar os jovens de Leipzig entre ruas tortuosas e antigas estalagens.

No começo da noite, o velho edifício da prefeitura cintilava em

tons de suave amarelo e vermelho de pórfiro, enquanto sua praça fronteiraça fazia lembrar uma *piazza* italiana. Jovens de longos cabelos, vestindo *blue jeans*, beijavam publicamente suas atraentes companheiras de minissaias. Esses descendentes de celtas, eslavos, francos e saxões, primitivos povoadores da planície de Leipzig, formam hoje uma raça encantadora, e seus corpos bem treinados e de pernas longas são um grande trunfo para a política de esportes do governo da Alemanha Oriental. Entretanto, o carregado sotaque saxão contrasta fortemente com um estilo de vida refinado, que inclui o amor ao bate-papo, o gosto pelo debate e a alegria do galanteio.

Um grupo de jovens estava reunido em torno de uma velha carroça de cerveja atrelada a dois cavalos que resfolegavam. A carroça achava-se no mesmo lugar onde se faziam as execuções até 1824. Estas eram espetáculos públicos, nos quais o famoso Coral Thomas poderia intervir para cantar hinos piedosos. Christian Woyzeck (o «Wozzeck» da peça de Büchner e da ópera de Berg) foi ali decapitado, em 27 de agosto de 1824.

A espada do carrasco, empunhada por gerações da família Gebhardt em seu papel de executores públicos, está exposta no Museu Histórico da cidade, no edifício da prefeitura, juntamente com outras lembranças menos

macabras, tais como a sala de música de Mendelssohn.

Leipzig orgulha-se de algumas relíquias que escapam à maioria dos turistas, embora estes passem diante delas todas as vezes que visitam o centro da cidade. Uma delas é a Königshaus, bem ao lado da velha prefeitura. Em 19 de outubro de 1813, Napoleão, de seu balcão barroco, despediu-se dos aliados saxões reunidos na praça em frente: «*Adieu, mes braves Saxons!*»

A história, porém, não entusiasma os jovens de Leipzig. Eles nem ao menos sabem que um de seus antigos prefeitos, Carl-Friederich Goerdeler, teve um papel decisivo na luta contra o nacional-socialismo e por isso foi executado. Nenhum monumento o recorda e nenhuma rua tem o nome desse corajoso antifascista que pediu demissão de seu cargo, em 1937, como protesto contra a perseguição dos judeus, e viajou para Paris, Londres e Washington a fim de advertir contra o perigo hitlerista.

Encontrar gente jovem é mais fácil aqui do que em qualquer outra cidade da Alemanha Oriental. Cerca de 37 mil estudantes estão matriculados na antiga e famosa universidade (hoje chamada Universidade Karl Marx) e em outras instituições de ensino. Os jovens parecem mais descontraídos do que seus pais, menos apavorados e mais ansiosos por conversar com pessoas estranhas.

Foram jovens estudantes, trabalhadores e secretárias que me mostraram a cidade que outrora foi minha. Fomos das favelas do Leste de Leipzig (onde muitas casas ainda têm os banheiros fora e os lampiões de gás da iluminação pública estão acesos o dia inteiro porque não há ninguém para operá-los) até a elegante parte sul da cidade, onde pude ver crianças brincando de jogar piões e de rodar arcos. O guia sorriu-me e disse: «Isto é algo que você não vê do seu lado da fronteira, não é?» Por enquanto, ele ainda estava orgulhoso de viver na Alemanha Oriental.

Também me pareceu pitoresca, a princípio, a visão de velhas e enrugadas senhoras empurrando pelas ruas carrinhos de madeira com provisões. Só então tive a consciência de que elas estavam carregando coisas que podiam comprar apenas esporadicamente, às vezes por um único dia, e depois de esperar longamente numa fila: um saco de carvão, talvez um pacote de batatas ou alguns quilos de tomate.

Em Leipzig, revivi um passado há muito esquecido, ligado ao presente que conheço na Alemanha Ocidental. A boate *Intermezzo*, por exemplo, onde a música e os frequentadores são idênticos aos de qualquer taberna de Hamburgo, Düsseldorf ou Berlim Ocidental, fica bem em frente à *Thomaskirche*. Às sextas-feiras e sábados, centenas de espectadores se acotovelam

na igreja para ouvir os tradicionais motetes e cantatas executados pelo Coral Thomas; os que não conseguem lugares, aconchegam-se nos degraus que levam ao túmulo de Bach, em frente ao altar.

Não são somente os concertos do Coral Thomas que atraem; mesmo os simples concertos de órgão da *Nikolaikirche* reúnem multidões. Essa igreja deve, em parte, sua dispendiosa reconstrução de pós-guerra às entradas pagas pelos jovens freqüentadores de seus concertos.

Antes de voltar a Leipzig, eu acreditava ingenuamente que a juventude da Alemanha Oriental aceitava sem crítica a ideologia comunista. O fato é que eles aprenderam a manter uma atitude conciliatória, onde o protesto não teria nenhuma utilidade.

Um jovem economista explicou-me: «Desde a infância, temos que levar uma dupla vida. Se não nos engajamos em atividades políticas, não seremos aceitos na

universidade e, assim, passamos a repetir como um dever os *slogans* exigidos. Contudo, não morremos por eles.» Falou em voz alta, num lugar público, obviamente sem se preocupar em saber se estava ou não sendo ouvido. A velha geração ainda cochicha, mas seus filhos dizem o que pensam.

Em tudo por tudo, os habitantes de Leipzig se recusam à exaltação. Só durante este século, já viveram sob uma monarquia e uma república, sob o regime nazista e agora uma ditadura comunista. Assim, não levam as coisas muito a sério.

É típica a história daquele habitante de Leipzig a quem perguntaram por que tinha fugido da Alemanha Oriental. Admitia que não tinha sofrido qualquer perseguição política nem havia passado fome.

«Nesse caso, por que fugiu?» perguntaram-lhe.

«Sabe», respondeu o refugiado em seu forte sotaque saxão, «eu simplesmente não podia suportar por mais tempo o dialeto.»



O ESCRITOR Brendan Gill conta que o poeta inglês Robert Graves, que adora jardinagem, tem o hábito de batizar os montes de adubo com nomes de amigos seus. «Durante uma visita que lhe fiz», escreve Gill, «ele me deu a honra de batizar seu último monte de adubo com o meu nome. Um amigo comum, o banqueiro R. Gordon Wasson, também recebeu recentemente semelhante homenagem. Eu estava muito orgulhoso com tal distinção quando, alguns meses depois de minha visita, recebi uma carta de Graves, em que dizia: 'o Gordon Wasson foi um fracasso, mas o Brendan Gill está apodrecendo maravilhosamente'.»